

## OS CELTAS E CÉSAR: CULTURA OPPIDA E A GUERRA DAS GÁLIAS

Vitor Lares

As Gálias, esta grande construção geográfica romana era um vasto território que se estendia do oeste da Alemanha, mais especificamente do Reno, até quase o meio da Espanha na dimensão leste-oeste e até os Alpes italianos englobando o que seriam a Suíça, Bélgica e Áustria na direção sul.

A evolução da cultura celta nessas áreas segue uma trajetória mais ou menos homogênea a partir da expansão da cultura de Lá Têne no século V a.C. A expansão celta nessa área criou miscelâneas populacionais com outros povos pré-históricos que ali existiam.

Percebemos que o centro difusor da Cultura Lá Têne, não é o mesmo centro difusor da Cultura Hallstatt, mais que isso o desenvolvimento da citada cultura parece ter iniciado concomitantemente em duas regiões diferentes da Europa : no Marne e na zona do Reno<sup>1</sup>, o que pode ser entendido como uma evolução paralela dentro do crescimento natural da cultura celta em todas essas áreas.

Ao aproximar do ano 100 a.C., a historiografia nota a consolidação de uma mudança cada vez mais marcante no caráter administrativo destas populações. As tribos que se organizam cada vez mais em alianças, parecem ter estabelecido também uma nova forma de ordenar e construir seus assentamentos, grandes muralhas de terra fortificadas e cada vez mais fortificadas passam a circundar áreas delimitadas, surgia a *oppidum*<sup>2</sup> :

Para alguns autores não há dúvidas que estamos avaliando um processo de urbanização e que as fortalezas *oppida* constituíram o ponto culminante de um desenvolvimento social secular da Cultura La Têne, que foi mais marcante na região das Gálias, embora tenha representações legítimas que podem ser estudadas em áreas que vão desde o País de Gales e Inglaterra à República Tcheca e Eslováquia<sup>3</sup>.

As conquistas romanas da Gália, ou de partes dela inicia-se com a derrocada de Aníbal nas guerras Púnicas. O medo romano de novas invasões pelo norte e a constatação

de que os Alpes em si não constituíam uma defesa significativa à cidade, somados ainda ao desconhecimento geográfico da época, criaram no imaginário romano a idéia de uma nação de bárbaros com fontes inesgotáveis de recursos humanos e militares, sempre ameaçando seu território.

A derrocada da Etrúria e a decretação dos *tumultus* levaram os romanos paulatinamente a resguardar-se destas invasões. A administração das províncias da Espanha, organizadas em 197 a.C. trouxe aos romanos a possibilidade concreta de estudos. Para tanto empregaram, entre seus múltiplos compromissos, geógrafos gregos como principalmente Políbio para tratar a etnografia daquelas gentes.<sup>4</sup>

Mas a dificuldade mais intrínseca da tarefa estava em anexar territórios celtas contíguos à península italiana. Após a expulsão do Senones e Boios da costa do Adriático e norte dos Apeninos o caminho levava à luta no que seria a Gália Cisalpina ao norte da Itália, logo após os Alpes.

Consciosos de seu próprio medo e, também, estimulados em algum grau pelo senso de independência, os romanos ocuparam-se dos celtas da região Cisalpina. Mesmo depois de muitas décadas de guerra e grandes baixas humanas, a região não estava derrotada e nem se tornou a “província” romana da Cisalpina antes do ano 81 a.C.

Durante estes anos de guerra entre os celtas da Cisalpina e os romanos não era de se admirar que acordos de paz e alianças diversas fossem feitas entre os dois lados. Dessa forma podemos dizer que a Gália Cisalpina iniciou, mesmo antes de ser uma província, um processo de gradual romanização, ou se preferirem os mais formalistas, de influência cultural romana sobre, algumas tribos celtas da região que receberam cidadania italiana já em 90-89 a.C.<sup>5</sup>.

A experiência adquirida no governo da Espanha e nas guerras constantes contra os celtas fez rapidamente os romanos perceberem que acordos de defesa seriam mais interessantes para ambos os lados, afinal os celtas da Gália Cisalpina eram melhores defesas para Roma que o rio Pó ou os Alpes<sup>6</sup>.

A conquista seguinte dos romanos foi a Gália Narbonesa, que equivale ao Sul da França até os Pirineus tendo como limites os rios Garuma à oeste e o Ródano a leste. Além disso, os romanos também passaram a deter o domínio do ilírico, regiões célticas estratégicas.

A *oppidum*, nesse contexto, apresenta-se como mais que um centro de defesa, um grande centro político, sede de uma grande tribo ou confederação tribal. Sua importância estava além do papel de guardar dentro de suas muralhas os aldeões, os imponentes guerreiros celtas, cada um dos *oppidum* potencialmente era um centro irradiador de uma influência, de uma facção.

César a chegar nas Gálias exercendo seu mando percebe esta Gália não provincial, dividida em três partes, que bem poderiam corresponder a três grandes grupos de clientelas, embora ele o diga expressamente que *Hi omnes lingua, institutis, legibus inter se differunt*, isto é diferem-se na língua, no costume e nas leis (CÉSAR, *Bello Gallico* I,1), ainda que logo em seguida diga que a forma de administração seja única para toda a Gália. (CÉSAR, *Bello Gallico* I,1)

Teriam as observações de César sobre os povos da Gália sido tão simplesmente empíricas tal qual suas considerações geográficas?

Para César não era surpresa que a Gália céltica estivesse dividida em facções, pois segundo provavelmente já havia apreendido dos escritos de Posidônio, Políbio e Artemidorus, não inova em nenhum aspecto as informações etnográficas deste autores.<sup>7</sup>

A Aliança pré-estabelecida entre os romanos e os Héduos, amigos de Roma, se revela um ponto de autenticidade na identificação do como César utilizou as informações que conseguiu. Durante uma reunião, após a derrota dos Helvécios, César consegue descobrir, através das palavras de Diviciaco, que a Gália estava dividida em duas grandes facções políticas rivais, em luta constante contra si. Uma delas era liderada pelo Héduos, de quem César detinha grande estima e a outra pelos Avernos que tinham-se aliado a mercenários germanos.

Por causa desta aliança com os Avernos, os mesmos germanos haviam cruzado o Reno para adentrar território gaulês e feito muitos estragos aos seus próprios contratantes e suas cidades. Ariovisto havia infligido muitas derrotas a Héduos, mas também havia submetido os nobres dos Sequanos, aliados de seus contratantes a vários juramentos que os impediam de rebelar-se contra eles, e por isso recorriam à ajuda de César, estando neste primeiro momento ciosos de sua intervenção. (CÉSAR, *Bello Gallico* I, 31)

Dispensio dizer que César derrotou os germanos e com isso converteu à sua posição tribos gaulesas que lhe juraram apoio, hospedagem e suporte logístico, compondo assim uma clientela pró-Roma que passa a ser administrada pelos Héduos. Tudo isto ocorreu no ano de 58 a.C.

Nos anos que se seguiram, até o grande levante comandado por Vercingetórix em 52 a.C., César combateu os Belgas, os Aquitânios, os Usipetes e Tentérios, cruzou o Reno, foi à Bretanha duas vezes, derrotou os exércitos de Ambiorix, composto por Eburões e Tréviros, invadiu os territórios dos Sugambris e colocou boa parte da Gália sob autoridade romana, sempre exercendo influência sobre a facção liderada pelos Héduos, que por sua vez via em torno de si aumentar sua própria força como facção líder da Gália.

Durante estas campanhas César dedicou parte de seus comentários, no livro VI do *Bello Gallico*, a fazer uma comparação entre os costumes Gauleses e dos Germanos.

César observa que havia na Gália facções não só em cada cidade, cada aldeia e cada parte desta, mas até em cada casa individual. E os líderes destas facções seriam os mais respeitados entre os Gauleses. Isso teria sido instituído para que todos os arbítrios se dessem sob seus auspícios de forma que nenhum homem do povo ficasse sem proteção diante de um litígio contra um homem poderoso. Os líderes protegem seus clientes e não toleram que estes sejam enganados ou oprimidos, isso garante a eles, os líderes, credibilidade.

Para César esta era a forma de administração única em toda a Gália, pois não havia nela cidade que não estivesse dividida em duas facções.

De acordo com o desenrolar da Guerra percebemos que esta observação é válida. Muitos grupos de gauleses aproximam-se de César através de seus aliados Héduos e com ele estabelecem alianças tornando-se clientes dos Héduos, dentro desse sistema de administração.

César também identifica entre os gauleses, classes sociais distintas, que descreve, haviam três classes sociais bem diferenciadas entre si, sendo a plebe, ou os camponeses, a mais baixa delas, os druidas a mais eminente e os cavaleiros, ou os guerreiros, a outra. Segundo César cada um destas três funções bem definidas, sendo os druidas a mais importante por tratarem de todos os assuntos.

Os druidas seriam legisladores, sacerdotes, curandeiros e juizes. Estas opiniões de César parecem encaixar-se perfeitamente na teoria a respeito dos Indo-Europeus, que têm entre as suas características a supremacia real da classe sacerdotal sobre a classe guerreira, sendo o rei, quando existe, um referencial simbólico desligado oficialmente de todas as classes, mas sintentizando-as.<sup>8</sup>

Os cavaleiros acorreriam em tempo de guerra, angariando, conforme suas vitórias e riquezas, um número cada vez maior de clientelas particulares e guarda-costas. Uma espécie de meritocracia onde era honroso servir ao lado melhor guerreiro.

Voltando à questão da plebe, César deixa claro que ela é **quase igual aos escravos romanos** (*Nam plebes paene servorum habetur*), o que significa que deve ter percebido, na forma de organização do trabalho campesino gaulês, estruturas que se assemelhavam, a seu ver, com as estruturas da escravidão romana.

Segundo César ainda, toda a nação Gaulesa era muito dada a superstições, sendo os druidas seus conselheiros e executores dos sacrifícios. Os gauleses sacrificavam, segundo ele, de animais a seres humanos, dando preferência à imolação daqueles que eram flagrados em delito ou crime, mas também inocentes caso não houvessem criminosos disponíveis para o sacrifício. (CÉSAR, *Bello Gallico*, VI, 15)

Também faziam, por costume da religião, pilhas de tesouros consagrados aos deuses, especialmente a Mercúrio<sup>9</sup>, frutos dos saques e dos botins de vitória, segundo ele

essas pilhas muitas vezes amontoavam-se em grandes somas que ninguém tocava por respeito. (CÉSAR, *Bello Gallico*, VI, 17)

César descreve ainda costumes gauleses de casamento, atentando para a dupla construção de um fundo constituído do dote feminino e da riqueza masculina, a fim de garantir a fortuna dos filhos ou de um possível viúvo (a).

Dissemos anteriormente que César aumenta sua influência através do acordo com os Héduos, uma das principais nações da Gália, conforme o próprio reputa, no momento de sua chegada, no entanto, a partir do inverno que sucede a campanha contra Ambiorix e os Tréviros, a Gália toda se confedera contra César. A partir daí os próprios Héduos tornam-se inimigos.

Os gauleses, julgando César impedido de combater por estar ocupado com assuntos da política romana<sup>10</sup>, organizam forte resistência de onde surge a figura legendária de Vercingetórix.

Vercingetorix estabelece uma forma original de combater que consiste em destruir os próprios assentamentos e vilas gaulesas a fim de não permitir que César consiga suprimentos e descanso. Apesar disso os Exércitos romanos infligem grandes derrotas aos gauleses, e os antigos acordos são substituídos por dominação, culminando na derrota de Vercingetorix, no cerco de Alesia, no mesmo ano de 52 a.C.

As campanhas de César na Gália foram decisivas para a consolidação de uma nova forma de poder na sociedade romana, o poder pessoal dos grandes generais.

Sua estratégia de acúmulo de poder vislumbrou com muita antecedência que as bases urbanas do poder da República estavam em crise e a opção por reconstruir uma base de apoio na fidelidade das legiões logrou levá-lo a combater Pompeu e vencer, tornando-se por um curto tempo, o único poder de Roma.

A campanha da Gália, levada a termo em menos de dez anos e sobre a qual os estudiosos ainda pleiteiam calcular o número de perdas humanas, algo entre quatrocentos mil e um milhão de vidas, além dos um milhão de escravos gauleses levados à Roma para o triunfo de César<sup>11</sup>, certamente foi um marco na história das guerras.

A violenta tomada do mundo Céltico, através do genocídio e do terror que César infligiu pôs em cheque o desenvolvimento autônomo da civilização céltica. César era apoiado pelas elites romanas que decretavam inúmeros *supplicatio* em sua honra ao mesmo tempo em que horrorizavam-se com a violência de suas conquistas. Este paradoxo revela a ambigüidade gerada sobre a figura de César na própria sociedade romana, misto de herói e , era visto entre a aprovação e a reprovação.<sup>12</sup>

O relato de César sobre eles é imbuído de forte caráter propagandístico e também é impreciso, mas o interesse de César em apresentar alguns aspectos da sociedade gaulesa, sobretudo no seu livro VI é genuíno, ainda que baseado em outras fontes que não sua própria observação.<sup>13</sup>

As fontes arqueológicas que dispusemos para o estudo dos gauleses foram escassas em relação aos períodos anteriores, em parte por terem os sítios gauleses sido descobertos em boa quantidade sob cidades modernas, impedindo sua plena escavação.

Mas as apropriações romanas, comprovadas pela arqueologia, que pudemos avaliar sem dúvida utilizaram as construções célticas como fazendas, templos e mesmo cemitérios como base de suas próprias construções nos imputando a impressão de uma tentativa total de controle por parte do Estados romano das instituições pré-existentes na Gália.<sup>14</sup>

Assim, a importância que os celtas tiveram na Antiguidade, enquanto povo autônomo, capaz de movimentar os sistemas políticos dos demais povos europeus e fazê-los mudar<sup>15</sup>, chega a um termo oficial de onde a partir de então passarão a influenciar culturalmente e mesmo politicamente (como na revolta de Sertório) como parte interna do sistema político romano e não mais como seus adversários. Iniciando assim mais diretamente o processo de romanização<sup>16</sup> das Gálias.

#### NOTAS:

---

<sup>1</sup> PIGGOT, Stuart A Europa Antiga. Do início da agricultura à Antiguidade Clássica. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1965, p. 273

<sup>2</sup> As *Oppida* surgem no final do século III a.C. E vão gradativamente se generalizando durante o século II até encontrarem seu apogeu no século I. A Mais famosa *oppidum* foi Alésia, centro da resistência Gaulesa. Para compreensão mais aprofundada do surgimento das *Oppida* consultar o artigo de F. Maier in: MOSCATI (coord.),1991 p423-439

<sup>3</sup> PIGGOT, Stuart A Europa Antiga. Do início da agricultura à Antiguidade Clássica. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1965, p.180

<sup>4</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. Os Limites da Helenização. A Interação Cultural das civilizações Grega, Romana, Céltica, Judaica e Persa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p.86

<sup>5</sup> RANKIN, David CELTS and the Classical World. London: Routledge, 1987. p.116

<sup>6</sup> idem, p.118

<sup>7</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. Os Limites da Helenização. A Interação Cultural das civilizações Grega, Romana, Céltica, Judaica e Persa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p.69

<sup>8</sup> LÉVÉQUE, Pierre As Primeiras Civilizações Vol.3: Os Indo-Europeus e Os Semitas. 3vol. Lisboa: Edições 70, 1987. p.73

<sup>9</sup> Provavelmente o LUGUS Galo-Romano, Lugh ou Llew irlandês e de Gales respectivamente.

<sup>10</sup> Clódio é morto e Pompeu é declarado Cônsul sem colega em 52.

<sup>11</sup> CÂNFORA, Luciano Júlio César, o ditador democrático. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.p.157

<sup>12</sup> idem, p.158

<sup>13</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. Os Limites da Helenização. A Interação Cultural das civilizações Grega, Romana, Céltica, Judaica e Persa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p.69

<sup>14</sup> BÜCHSENSCHÜTZ, Olivier The Celts in France in: GREEN, M.(ed.) The Celtic World. London: Routledge, 1995.

<sup>15</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. Os Limites da Helenização. A Interação Cultural das civilizações Grega, Romana, Céltica, Judaica e Persa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p.67

<sup>16</sup> É o conceito de **romanização** aliado ao de **fronteira étnica** (BARTH, Fredrik *Grupo étnicos e suas fronteiras*. in: POUTIGNAT, Philipp e ISTREIFF-FENART, Jocelyne Teorias da Etnicidade São Paulo: Edunesp, 1998.) que permite, a nosso ver, tratar a questão das trocas e influências culturais entre os celtas do século I a.C. e os romanos e de como após (ou mesmo antes) da derrota dos gauleses podemos compreender a influência uni ou multilateral que resultou na formação de uma sociedade galo-romana na Gália a partir do século I d.C.

Por **romanização** consideramos a discussão ampla que existe e considera pontos de vista bastante antagônicos. Por um lado reconhecemos a existência, conforme já observado por Estrabão e Plínio, o Velho de um certo caráter voluntário, porém não generalizado, no processo de adaptação aos costumes romanos por parte dos bárbaros por eles dominados e principalmente da mistura entre os costumes romanos e bárbaros nestas províncias resultando em sociedades do tipo híbridas com grandes pretensões à romanidade mas conservando traços extremamente marcantes da cultura dita bárbara original da região.

A latinização voluntária dos nomes bárbaros e a gradual concessão de cidadania às cidades bárbaras, normalmente a partir do crescimento de uma colônia romana dentro de seus limites, um *conventus* ou um *burgo* romano (SHERWIN-WHITE, A.N. *O Imperialismo Romano* in: BALSDON, J. P. V. D. (Org.) O Mundo Romano. Rio de Janeiro: Zahar, 1968: 82), justifica a existência deste ponto de vista, conforme defendido por alguns autores, de que os romanos teriam tirado os “bárbaros” da ignorância e conduzido-os à luz da civilização, atraindo-os pelo conforto, luxo e riqueza. (SHERWIN-WHITE, A.N. *O Imperialismo Romano* in: BALSDON, J. P. V. D. (Org.) O Mundo Romano. Rio de Janeiro: Zahar, 1968: 81)

É importante perceber, no entanto, que a visão de uma romanização totalmente voluntária devido à superioridade fascinante da cultura romana sobre o atraso limitado ao artesanato artístico em ferro dos seus dominados bárbaros, só é verdade em parte.

A discussão sobre romanização deve se considerar também a existência de uma outra forma de relação entre dominadores e dominados que está além da voluntária aculturação bárbara e de uma possível “missão civilizadora” dos romanos para com estes. Não podemos jamais perder de vista o caráter impositivo, marcial e mesmo brutal com que os romanos controlavam as províncias mais rebeldes e como, em determinados casos, obrigavam aos seus habitantes a mudar seus hábitos através de interditos e leis locais, a fim de minar sua resistência e impor-lhes o sistema romano de governo. Este caráter militar é também um dado importante para compreendermos muitas vezes, cisões dentro das próprias sociedades conquistadas, onde fica claro, por exemplo, que alguns grupos não vêem opção melhor senão ceder aos conquistadores e acabam adaptando-se com a intenção de sobreviver e mesmo de adquirir vantagens diante e durante este processo. Outros grupos preferem resistir o quanto conseguem, como foi o caso da Gália (ver, GOUDINEAU, C. *The Romanization of Gaul* in: MOSCATI, S.(Coord.) *et alii The Celts*. New York: Rizzoli, 1999. e BURNHAM, Barry C. *Celts and Romans: towards a Romano-Celtic society* in: GREEN, M.(ed.) The Celtic World. London: Routledge, 1995.) que, dividida em facções desde antes da chegada de César, organizou uma forte resistência à tentativa de conquista deste, sucumbindo totalmente apenas ante a força das armas.

Compreenderemos, portanto, **romanização** como um conceito ambivalente que compreende tanto as adaptações espontâneas de determinadas comunidades bárbaras ao modo de vida romano, por fascínio ou interesse de qualquer tipo, quanto àquelas impostas militarmente em nome da conquista e do controle social e que essencialmente acabam gerando em maior ou menor grau, uma **sociedade romano-bárbara**.